



Carlos Alberto Murad
cmurad@acd.ufrj.br
Professor Titular UFRJ

O Fotográfico e o Fotopoético na Criação Imagética

Resumo

Este trabalho discute algumas motivações estéticas que norteariam as apropriações da imagem fotográfica pela criação imagética, sem considerações sobre a natureza do suporte ou plataforma tecnológica. Investigamos as idiosincrasias criadoras do olhar, a natureza da imagem fotográfica e sua apreensão estética sob a forma de uma realidade fotopoética. E seria esta que substancializaria o criador, das diferentes poéticas imagéticas, na apropriação do fotográfico. A Fenomenologia da imagem poética de Gaston Bachelard fornece a base teórica para a nossa reflexão.

Abstract

This paper discusses the aesthetical motivations which would lead the appropriation of the photographic image by the different imagetic creation, without considering the base's nature.

The study looks at the regard's idiosyncrasies, the photographic image nature and its aesthetic apreension as a photopoetic reality. This would establish the creator from different imagetic poetics would lead the appropriation of the photographic.

The theoretical basis of this study is Bachelard's Phenomenology of the creative imagination and poetic image.

Apresentação

Este trabalho propõe-se a discutir algumas questões introduzidas pelo foto-gráfico e o foto-poético que possam contribuir na reflexão sobre a criação imagética. O nosso interesse refere-se unicamente à experiência estética vivida diretamente sobre o registro fotográfico e que substancializa as apropriações por outras poéticas visuais. Falamos aqui de uma incorporação criadora do fotográfico, de uma apropriação que vai além da simples utilização da matéria aparential inscrita numa base fotosensível. Nesta abordagem o fotográfico constitui uma matéria poética a ser transmutada pela imaginação do criador, em uma realidade foto-poética. E será esta realidade fotopoética que irá induzir e substancializar a natureza da apropriação que o criador fará da imagem fotográfica.

O Fotográfico é uma imagem-olho

A natureza da contemplação de mundo introduzida pelo instântaneo fotográfico estaria ligada a uma outra ordem de divagação tempo-espaço que difere daquela experimentada nas imagens visuais oriundas de um *continuum*. Não estamos nos referindo aos temas periféricos da alteração de nossa percepção pela verossimilhança ou ao papel de registro memorial trazidos pelo fotográfico, e sim a introdução de novas questões ontológicas e epistemológicas para a criação imagética. Afinal, o fotográfico nasce de um instante de um olhar sobre o mundo, o que vincula a sua apreensão e apropriação (como componente de outra criação imagética) aos fenômenos substanciais do olhar, da luz e do instante. Resumindo: o nosso olhar sobre a fotografia alimenta-se deste olhar primeiro que a formou.

A partir da fotografia estabeleceu-se na criação imagética uma ruptura entre a **manipulação**, dominante nas poéticas visuais anteriores, e a **olhicriação**. Podemos aplicar este neologismo a uma imagem (fotográfica) que é essencialmente criada pelas movimentações e decisões do olho. Mas como veremos no decorrer deste texto, trata-se aqui de algo que transcende a simples ação perceptiva do olho. Falamos de um olho como potência criadora: um olho que encontra no Olhar um *dever*.

A consciência humana, desde as formulações pré-científicas de Da Vinci (Richter, 1970) na pré-história da Fotografia, passando pelas tecno-científicas do século XIX, insiste em dar forma material aos potenciais criadores do olho. Falamos de potenciais imaginários ligados a uma matéria onírica que substancializa a visão e a gênese imagética, destas virtualidades da Imaginação indutoras do ver, do olhar e do contemplar. Neste sentido, a imagem fotográfica apresenta-se como a realização de um desejo primordial de materializar os potenciais fantasmáticos que germinam esta matéria *olhante* ou foto-gênica que compõem o imaginário humano. Uma imagem que, no interior mesmo da sua corporeidade, retém estes potenciais criadores do olho, agora na condição de imagens poéticas (virtualidades imaginárias). E é a apreensão e dinamização destas imagens pela nossa Imaginação criadora, que, independente da natureza do suporte, instaurará em nossa consciência sensível a realidade **fotopoética**.

Uma investigação da essência dos fenômenos germinais e instauradores da realidade fotopoética e de sua participação estética em outra criação imagética, implica na utilização de uma metodologia alicerçada na Imaginação. A natureza metafísica destas questões nos impõe uma reflexão fenomenológica. Esta perspectiva nos ajudará a enfrentar as questões epistemológicas da alteração fenomenal fotográfico-fotopoético, da permeabilidade real-irreal, da transmutação das imagens poéticas (imaginárias) em um objeto-imagem (concreto). Neste sentido, dentre as diferentes abordagens fenomenológicas, adotamos a Fenomenologia da Imaginação criadora e da Imagem poética de Gaston Bachelard (1957, 1960, 1988). Esta metodologia trata o processo de criação como originário de uma dinamização dos potenciais criadores da Imaginação e da ação instauradora dos devaneios poéticos. Na perspectiva bachelardiana, uma compreensão fenomenológica das imagens deve ultrapassar os vícios da ocularidade do olho. Este não apenas vê, mas também sonha, imagina, divaga, cogita. Mais do que um *apparatus* orgânico ele reúne a dual condição de **mediador e fluxo variacional** da nossa consciência imagética na sua busca pela concreção das imagens. Assim, quando nos restringimos a pensar o olho apenas em sua capacidade mediadora, estamos reduzindo a imagem fotográfica a sua natureza instrumental. Quando, ao contrário, somos receptivos as possibilidades metamórficas de todos os seus potenciais de transcendência, ressentimos na imagem a matéria poética que instaurará a transmutação-aparição da imagem fotopoética.

Desprender o olho da sua condição instrumental implica dizer que ele está em estado de devaneio, isto que nos coloca no fluxo variacional da criação de novas realidades imagéticas. Devemos precisar que não se trata de um devaneio sem rumo, e sim o devaneio criador; este que nos coloca operantes na transmutação criadora dos fenômenos presentes na realidade do mundo. Devaneios criadores que podem incorporar as nuances de cósmicos, poéticos ou anagógicos, mas que estão sempre comprometidos com o originar. Pelos devaneios poéticos, estabelecemos com a nossa Imaginação criadora um fluxo dinamizador; numa permeabilidade entre o nosso Ser e o Ser do mundo. Exercemos o que Bachelard (1960) chama de uma cogitação imaginante, este pensamento por imagens poéticas. Estas são imagens imaginadas, são virtualidades imagéticas sem configuração, que chamamos de **élans imagéticos** para escapar da usual vinculação da palavra imagem com a ideia de configuração.

A imagem fotopoética é um olhar originante

Na perspectiva bachelardiana, o ato criador imagético é ao mesmo tempo originário e originante na imersão devaneante. Uma imersão que nos conduz ao interior da **irrealidade real** das coisas, nos propiciando a visão de potenciais irrealis que movimentam-se na direção de um concreção. O criador imagético, imerso na ambiência de sua Imaginação, e somente graças a ela, exercita as oscilações progressivas da permeabilidade entre as diferentes instâncias de realidades que coabitam o objeto.

Imersos nos devaneios criadores diante do fotográfico, abandonamos a positividade da fisiologia do olho, ultrapassamos as imagens-figurais, e ativamos em nós um pensamento saturado de élans imagéticos. Passamos das imagens de um olho racionalizador para as imagens de um olho que sonha, entramos no olhar da Imaginação. É neste sentido que compreendemos esta matéria fenomenal que substancializa o olho, que referimos mais acima, como potenciais imagéticos de predominância *olhante* e foto-gênica. Potenciais que estão presentes, indiferenciadamente, na constituição deste fotográfico e que são originantes da realidade fotopoética, em nossa consciência criadora. Vivendo a instabilidade dos élans imagéticos—valores fotopoéticos, no lugar das imagens-formas estáveis (as aparências do fotográfico), o criador imagético participa num processo de invenção contínua, onde a imagem é uma abertura de mundo, mais do que uma janela ou moldura para o mundo. Quando nossa apreensão conforma-se com a fixidade e finitude da imagem-figural, contida no fotográfico, não experimentamos a dinamização e variabilidade destes potenciais imagéticos. Perdemos seu valor originário e originante. O mundo contido no fotográfico é apenas uma pálida figura. Quando ao contrário, a nossa apreensão dinamiza-se pela indução destes potenciais, esta torna-se pura metamorfose, ultrapassamos esta finitude estabilizadora, compreendemos que a transmutação criadora é da ordem da infinitude. Agora o mundo no fotográfico é um devir fotopoético.

Esta experiência estética na qual vivemos o surgimento da realidade fotopoética, é ressentida como uma cosmogonia do olhar (Murad, 1997). Onde sentimos o nosso ser criador pleno da potência poética de um **Olhar que ilumina** e de um **Instante que revela**. Neste sentido, podemos dizer que o fotopoético cria em nós um Olhar, nos dá a consciência instantânea de um Olhar-Mundo. Uma reflexão desta ordem possibilita ao criador imagético pensar o fotográfico separado de sua base material ou instrumental, como uma película imaterial, uma diáfana extensão da matéria fotogênica do olhar. Assim, “sem ver com os olhos” ele pode participar da visão fotopoética do olhar. Um olhar fotopoético que inicia-se nestas primeiras apreensões que faz o fotógrafo dos élans imagéticos

Referências

- Bachelard, Gaston. (1942). *L'Eau et les rêves*. Paris: José Corti.
- Bachelard, Gaston. (1957). *La Poétique de l'espace*. Paris: P.U.F.
- Bachelard, G. (1960). *La Poétique de la rêverie*. Paris: P.U.F.
- Bachelard, G. (1970). *Le droit de rêver*. Paris: P.U.F.
- Bachelard, G. (1988). *Fragments d'une Poétique du Feu*. Paris: P.U.F.
- Murad, Carlos. (1993). "Contribuições a uma Poética da camera escura". *Revista Filosófica Brasileira*, VI-1.: 28-38.
- Murad, Carlos. (1997). "A Linguagem da Luz do Olhar". *Revista Interfaces*, Ano III, n° 4 : 99-109
- Richter, Jean Paul. (Ed.) (1970). *The Notebooks of Leonardo Da Vinci*, New York: Dover

presentes na cena fotografada. É este olhar que move a apropriação do fotográfico, para a transmutação no interior de uma outra criação imagética.

Visando melhor explicitar a natureza desta dimensão fotopoética, iremos citar alguns elementos de nossa investigação fenomenológica da dimensão fotopoética na criação fotográfica (Murad, 1993, 1997). Nos referimos a algumas idiosincrasias criadoras que constituem a ação do Olhar quando permeado pelo fotográfico-fotopoético:

- o olhar-corte que espacializa, uma fragmentação que visa condensar-revelar, aqui os limites e contornos da forma são entre-espaços de abertura e construção o corte como ordenador formal;
- olhar penetrante que revela o oculto, o desejo de ver-revelar a luz íntima, de iluminar com a luz flamejante do olhar o opaco, o confuso;
- olhar envoltório, o desejo de proteger-abrigar valores primordiais da interioridade, sentido de habitar a luz, do retorno ao abrigo de um fogo primeiro;
- olhar que toca o longínquo, uma imersão de devaneio no intervalo desaparecimento-aparição das formas, busca o evanescente;
- olhar suspenso que altera a temporalidade, uma alteração temporal que torna visível, a introdução de uma outra pulsação temporal;
- olhar da profundidade, busca a condensação no micro, na miniatura e no ínfimo.

Não se trata aqui, de buscar uma correspondência literal com aquelas de uma criação imagética determinada e sim de operarmos uma leitura em devaneio para encontrarmos os seus novos equivalentes imaginários. Estas idiosincrasias tem uma participação ativadora do olhar do criador durante o processo de transmutação dos élanos imagéticos em objeto imagético. Como as realizadas por Francis Bacon que utilizou fotos de amigos e as séries de registro sobre o movimento do corpo humano de Muybridge; Anselm Kiefer na utilização de fotos documentais de arquivo, cartões postais; David Carson e Neville Brody que se apropriam de fotos vernaculares, registros de muros e espaços urbanos entre outros. Cada criador modula, com sua Imaginação criadora, estas idiosincrasias de acordo com a intenção criadora e singularidades da sua poética. Mas os criadores imagéticos, fotógrafos incluídos, parecem obedecer a uma orientação comum: vivem a retina como uma extensão germinal e originante. Eles experimentam o que Bachelard (1942) chama de "*consciência de retina*" permeando a ontologia do seu gesto de imagnetizar. Pensam o mundo com imagens-pensamentos no interior da contemplação do Olhar, nesta "*ambivalência do visto e do vendo*" (Bachelard, 1942).